

De *O nome da Rosa* a *O código Da Vinci*: a vertente mística e religiosa do romance policial

FERNANDA MASSI

Mestrado pela UNESP

– Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/FAPESP

Resumo

Este artigo tem o propósito de traçar um breve panorama da constituição da narrativa policial, a partir do que foi instituído por Edgar Allan Poe no século XIX, e abordar uma das temáticas seguida por outros autores, qual seja o misticismo e a religiosidade. Iremos apresentar o romance policial *O nome da Rosa*, de Umberto Eco, um dos primeiros a incorporar o misticismo e a religiosidade ao romance policial, a fim de compará-lo aos romances policiais contemporâneos mais vendidos no Brasil no século XXI que seguiram a mesma temática, entre eles o *best-seller* campeão de vendas em todo o mundo, *O código Da Vinci*.

Palavras-chave: romance policial, tradicional, contemporâneo, misticismo

Résumé

Cet article a le but de montrer un petit panorama de la constitution de la narrative policier, à partir de lequel a été écrit pour Edgar Allan Poe dans le XIXème siècle, et aborder la thématique du mysticisme et religiosité suivre pour d'autres auteurs. Nous allons présenter le roman policier *O nome da Rosa*, de Umberto Eco, l'un des premières qui a incorporé le mysticisme et la religiosité au roman policier, pour le comparer aux romans policier contemporaines plus vendus au Brésil dans le XXIème siècle qui ont suivre la même thématique, inclus le *best-seller* champion de ventes dans tout le monde, *O código Da Vinci*.

Mots-clés: roman policier, traditionnel, contemporain, mysticisme

1 O surgimento da narrativa policial

O romance policial é um gênero literário de sucesso incontestável que foi criado por Edgar Allan Poe no final do século XIX, quando inseriu a figura do

detetive Auguste Dupin em suas narrativas "Os crimes da rua Morgue" (1841), "O mistério de Marie Roget" (1842) e "A carta roubada" (1845). Dupin apresentou e definiu os traços característicos desse sujeito, quais sejam o caráter analítico, racional, a capacidade de encontrar a resolução de um enigma pela lógica, pelo raciocínio, a partir de um método de investigação, antes mesmo de existirem outros recursos, como os tecnológicos, para isso. Poe criou um detetive que agia de acordo com métodos rigorosamente determinados e técnica própria, um ator especializado, um detetive metódico que trabalhava profissionalmente. Dessa forma, instituiu-se como figura principal e indispensável a qualquer romance que se considere "policial" o detetive. No entanto, esse sujeito não deve aparecer apenas como temática da narrativa, mas sim como núcleo do enredo, como um actante que tem um fazer a ser realizado, no caso, uma investigação, para que sua presença dê sentido à trama policial. Por sua vez, a investigação existe a partir de um crime e, este, a partir de uma vítima e de um criminoso.

Não é apenas o detetive, porém, que caracteriza o romance policial. Esse gênero literário deve despertar no leitor a paixão do medo, criada a partir da estranheza do crime, da identidade secreta do criminoso e da expectativa sobre a resolução do enigma, sem que seja necessário apelar para o horror, para a violência, para a brutalidade, conforme explica Pires (2005): "A raiz metafísica deste gênero está na necessidade humana de eliminar a angústia e o sofrimento que nos domina enquanto não atingimos a compreensão de uma determinada situação de mistério." (PIRES, 2005, p.3)

Os processos particulares da própria organização discursiva criam um efeito de sentido de suspense, de espera angustiada pela identidade do criminoso. Edgar Allan Poe, por exemplo, "mesmo sem detalhes explícitos (ou por isso mesmo), tem um poder de horrorizar o leitor a cada leitura" (POE, 2000, p.3).

A característica mais marcante dos romances policiais tradicionais é a presença indispensável ao enredo de três elementos: o criminoso, a vítima e o detetive, que existem um em função do outro, ou seja, só há vítima se houver criminoso e só há detetive se houver crime, cujo autor é desconhecido. O criminoso e o detetive realizam os quatro programas narrativos, estabelecidos

pelo esquema narrativo canônico, paralelamente, e seus percursos se cruzam no último programa, o da sanção, uma vez que o fazer do detetive é uma sanção sobre o fazer do criminoso. Assim, o detetive sanciona negativamente o criminoso e a sociedade sanciona positivamente o detetive. O detetive trabalha em segundo plano, quase obscuramente e o criminoso realiza a grande transformação da narrativa, que modifica o estado da vítima de conjunção com a vida para a disjunção.

O crime, por sua vez, não tem um fim em si mesmo: é um meio para que o criminoso adquira outro objeto (de valor ou modal), ou seja, é um programa narrativo de uso em relação a um programa narrativo de base, onde estão os verdadeiros valores a que visa o criminoso. Mesmo assim, a narrativa policial gira em torno desse núcleo, composto pelo crime e pela investigação e, portanto, aborda poucas questões que não estejam relacionadas a isso.

A partir dessa estrutura clássica de romance policial, alguns autores contemporâneos exploraram outras temáticas, além do mistério e do suspense, deixando o crime em segundo plano, como um complemento da narrativa e não mais como núcleo do enredo. O crime não é o estopim do enredo e o fazer do detetive não se centra apenas na descoberta da identidade do criminoso, já que não é esse o único segredo da narrativa. Entre essas vertentes, a que será abordada nesse artigo é a temática "misticismo e religiosidade", que foi explorada, de início, por Umberto Eco, no romance *O nome da Rosa*. Atualmente, entre os romances policiais mais vendidos no Brasil no século XXI¹, encontramos outros autores explorando o mesmo foco, quais sejam, Dan Brown, Giulio Leoni, Raymond Khoury e Ian Caldwell, cujas obras serão apresentadas e discutidas neste artigo.

2 Misticismo e religiosidade

¹ Nossa pesquisa de mestrado fez um levantamento dos livros mais vendidos no Brasil nos oito primeiros anos do século XXI (janeiro de 2000 a fevereiro de 2007), com base nas listas divulgadas no *Jornal do Brasil*, e a partir daí selecionou as obras classificadas como romances policiais, que compuseram nosso corpus de estudo.

Um dos primeiros romances policiais, embora nem sempre tenha sido classificado como tal, que explorou a temática “misticismo e religiosidade” é o famoso *O nome da Rosa*, de Umberto Eco, publicado em 1980. “O livro, provido de indicações históricas em verdade bastante pobres, assegurava estar reproduzindo fielmente um manuscrito do século XIV” (ECO, 1983, p.11). Essa obra também se tornou um *best-seller* na década em que foi lançada – ocupando o primeiro lugar na lista dos livros mais vendidos no Brasil em 1984 (CORTINA, 2006) – e foi filmado em 1986, o que contribuiu ainda mais para a divulgação da história.

Nesse romance, frei Guilherme (William) de Baskerville é manipulado, pelo abade Abbone, após acontecer “uma coisa nesta abadia, que pede a atenção e o conselho de um homem prudente e agudo como vós. Agudo para descobrir e prudente (se for o caso) para encobrir” (ECO, 1983, p. 45). Assim como Auguste Dupin e Sherlock Holmes², Guilherme de Baskerville é dotado de capacidades extraordinárias e é escolhido por ser o único que pode encontrar o assassino.

A primeira vítima de uma série misteriosa de crimes é o monge Adelmo de Otranto. Ao longo da investigação, Guilherme descobre que todo o conteúdo da biblioteca do mosteiro era precioso, secreto e, portanto, protegido pela Igreja cristã da Idade Média, que não consentia com sua divulgação. Com a morte de mais quatro monges, a missão dele passa a ser encontrar a identidade do assassino, mas também encontrar um livro proibido, que vinha sendo lido pelas vítimas – como demonstrava a mancha preta nas mãos dos cadáveres. Na verdade, o autor faz uma paródia de sua própria obra, atribuída (no enredo) a Aristóteles, que não seria aceita pela Igreja por tratar de questões proibidas por ela.

O narrador desse romance é Adso de Melk, escrivão e discípulo de Guilherme, que deixa um manuscrito contando a história, para que seja estudado em novas investigações. Ao final do romance, ele mesmo afirma que a narrativa ainda possui muitos enigmas a serem desvendados uma vez que “nem todas as

² Sherlock Holmes é referido indiretamente pelo nome de Guilherme de Baskerville, que faz referência ao romance *O Cão dos Baskerville*, no qual Holmes é o protagonista.

verdades são para todos os ouvidos” (ECO, 1983, p. 54). Adso fala diretamente com seu leitor, o qual chama de “paciente”, “curioso”, mostrando que seu relato foi escrito com o principal intuito de divulgar as descobertas feitas por ele e Guilherme sobre uma abadia medieval, da qual ele não dá referências espaciais claras.

Nos romances policiais contemporâneos de temática mística e religiosa, por sua vez, o crime é apenas um motivo para que a investigação sobre algum mistério religioso seja desvendado ou, ainda, é consequência da descoberta desse mistério, mas não é o foco da narrativa. Entre os romances policiais mais vendidos no Brasil no século XXI, quatro deles apresentam essa característica, quais sejam *O código Da Vinci*, de Dan Brown; *Os crimes do mosaico*, de Giulio Leoni; *O enigma do quatro*, de Ian Caldwell; *O último templário*, de Raymond Khoury.

Nas quatro obras, o segredo que prevalece na narrativa não é apenas acerca da identidade do criminoso, mas também, e principalmente, sobre alguma informação religiosa decisiva para a vida das outras personagens, para a descoberta de uma nova terra, para a busca de um tesouro ou a história de um grupo contrário à igreja cristã, respectivamente. Todos eles apresentam como mote do enredo um misticismo que se dá por conta da doutrina religiosa que governa a vida das personagens e, portanto, a narrativa. Em virtude de a identidade do criminoso não ser o foco do enredo, a figura do detetive e a punição recebida pelo criminoso sofrem modificações, como será explicado mais adiante.

O romance *O código Da Vinci*, de Dan Brown, conhecido em quase todo o mundo e consagrado como o livro mais vendido no Brasil em 2006 é um exemplo típico dos romances místicos e religiosos. Nele, o assassinato de Jacques Saunière, um estudioso da obra de Leonardo Da Vinci, foi realizado por um integrante da instituição religiosa a qual pertencia, a *Opus Dei*, imaginando que Jacques tinha revelado um segredo a sua neta, Sophie Neveu. Como isso ainda não tinha sido feito por Jacques e uma vez que sua morte foi lenta, ele deixou um criptograma no local do crime para ser desvendado por Sophie, o qual faria com

que ela entendesse o motivo da sua morte e fosse recompensada pela descoberta.

Sophie era uma detetive profissional e obteve ajuda de Robert Langdon, um professor universitário amigo de Jacques, durante a investigação. O trabalho coletivo deles foi motivado pelo criptograma e não pela identidade secreta do assassino. Sophie estava afastada do avô havia muitos anos e não tinha repertório para esclarecer a mensagem, porém, Langdon era amigo da vítima e compartilhava muitos de seus segredos porque também pertencia a *Opus Dei*.

A descoberta da identidade do assassino ocorreu como consequência da investigação sobre o criptograma, mas os detetives não se preocuparam em entregar o culpado à polícia porque ainda precisavam esclarecer alguns mistérios relacionados à vida de Sophie. Jacques Saunière havia deixado uma herança para a neta e o número anotado no chão era o número da conta onde estava o dinheiro. Além disso, Sophie descobriu que seu irmão ainda estava vivo e morando com a avó, esposa de Jacques, e que ela (Sophie) era filha de Jesus e Maria Madalena. A suposta traição do avô envolvia a revelação desse segredo, que ainda não tinha sido feita. Com isso, o assassinato tornou-se em vão uma vez que seu propósito foi invalidado pela investigação de Sophie e Langdon.

O romance *Os crimes do mosaico*, de Giulio Leoni, se assemelha em muitos aspectos ao antecessor *O código Da Vinci*, com a diferença que seus membros pertencem ao grupo Terceiro Céu e não à *Opus Dei*, como na obra de Dan Brown. Nesse romance, o grande segredo do enredo é a descoberta de uma nova babilônia e dos mapas que levavam a ela. Ambrogio Giotto, um mosaicista, foi assassinado por Veniero Marin porque queria retratar a nova terra descoberta pela igreja, que deveria ser ocultada; Teofilo Sproviere, a segunda vítima, morreu porque tinha os mapas que levavam à nova terra e sabia do segredo de Veniero, que estava acompanhado da rica herdeira de um rei, Antilia, com quem pretendia explorar a nova babilônia.

Dante Alighieri, o prior da cidade e, portanto, o detetive, ficou encarregado de encontrar o assassino para que a paz fosse instaurada novamente na cidade. Quando descobriu, porém, que a causa dos assassinatos era a descoberta de uma

nova terra, ele apropriou-se dos mapas de Veniero em troca de seu silêncio. Com isso, o assassino fugiu da cidade com Antilia, e Dante foi recompensado pelo criminoso por ter encoberto seus crimes.

Nesse romance, fica nítido que mais interessava ao detetive compartilhar as informações sobre a nova terra, mantidas em segredo pelo criminoso e que o motivaram a cometer os crimes, do que encontrar sua identidade e puni-lo. Dessa forma, pode-se inferir que a nova babilônia era mais importante do que a morte dos integrantes do grupo religioso ao qual as personagens da narrativa pertenciam, o Terceiro Céu.

O romance *O enigma do quatro*, de Ian Caldwell, gira em torno da descoberta dos segredos de um livro, o *Hypnerotomachia Poliphili*. A história se passa na Universidade de Princetown, onde Thomas Sullivan cursa história e ajuda seu amigo Paul Harris a escrever sua tese de conclusão de curso sobre o livro. Bill Stein, outro colega deles, e mais dois professores da universidade, Vincent Taft e Richard Curry, também estudavam a obra e disputavam as informações e os mistérios desvendados. Essa briga, porém, tornou-se tão acirrada que Richard Curry assassinou Bill e Taft ao descobrir que eles estavam à frente nas pesquisas. Thomas, Paul e Gil, outro colega deles, foram visitar Richard porque ele queria entregar parte de seu trabalho à Paul. A sala em que eles estavam, porém, pegou fogo e Richard morreu com a explosão; Thomas e Gil saíram com vida do local e o corpo de Paul não foi encontrado.

Nesse romance, tudo ocorre em torno do misterioso livro *Hypnerotomachia Poliphili* e a disputa pelas descobertas relacionadas a ele é tão acirrada que leva ao assassinato, ou seja, o crime não ocorre como mote do enredo, mas sim como consequência de outra investigação, que até então não envolvia nenhuma vítima. Na verdade, a investigação não é sobre a identidade do criminoso, mas sim sobre os mistérios em torno do livro. Como nenhum dos que estudavam a obra conseguiu chegar a um veredicto, o leitor não fica sabendo qual era o grande mistério que esse romance encobria. No entanto, Paul Harris sugere ter descoberto uma cripta secreta, que deveria ser explorada e que, provavelmente,

tinha um tesouro secreto. Como o corpo de Paul não foi encontrado após o incêndio, o leitor não sabe se ele continua vivo ou não.

O romance policial contemporâneo *O último templário*, de Raymond Khoury, tem como tema a disputa de poder e de ideologias entre a Igreja cristã e a "Ordem dos Templários". A história tem início com o ataque de quatro homens montados a cavalo ao Museu Metropolitano de Arte, no qual eles atiraram aleatoriamente, feriram muitas pessoas que visitavam o museu e roubaram um codificador do século XVI. Tess Chaykin, uma repórter do instituto Manoukian, estava no local nesse dia e resolveu investigar as causas daquele crime. Ao ver as vestimentas dos cavaleiros, Tess deduziu que eles pertenciam à ordem dos templários. Ela lembrou-se de um professor universitário que era especialista nos cavaleiros templários e deu início à investigação para saber quais tinham sido as causas daquele ataque.

Assim, era mais importante descobrir porque os cavaleiros templários eram contrários à igreja católica do que encontrá-los e puni-los pelo crime. Isso porque o tumulto causado por eles foi uma manifestação contra a igreja e não contra as pessoas que estavam no museu; o crime foi cometido para que o codificador fosse roubado e, com ele, os cavaleiros pudessem ler um documento importante, que os levaria ao tesouro. As vítimas, portanto, não eram culpadas pela revolta dos templários e não tinham nenhuma relação com a causa do crime.

Nesses romances observamos que tanto o crime não é a parte mais importante do enredo, que os criminosos não são punidos, embora tenham sua identidade revelada e o detetive saiba onde encontrá-los. Nas quatro obras, quem realizou a investigação estava (ou ficou) tão intrigado com o segredo religioso ou místico que pretendia descobrir, que parece ter se esquecido de que havia um criminoso e, no mínimo, uma vítima assassinada; ou então, o crime tinha sido cometido apenas para despertar a atenção de alguém, para desencadear uma investigação sobre outro segredo, que não a identidade do criminoso. Portanto, a característica que marca e se repete nesses quatro romances é o enigma como núcleo, foco do enredo, que se manifesta em um código a ser descoberto, uma frase secreta ou sequência numérica que precisam ser lidas, etc. O narrador

desses romances policiais direciona a narrativa para o desenrolar dos acontecimentos decorrentes do crime de um modo que o próprio leitor se esquece de que se trata de um romance policial e que há um crime a ser desvendado.

A relação entre o romance *O nome da Rosa* e os romances policiais contemporâneos mais vendidos é o tema místico e religioso que sustenta e motiva o enredo. No entanto, no romance de Umberto Eco a tríade do romance policial, qual seja, a vítima, o criminoso e o detetive, estão diretamente relacionados ao tema abordado, isso é, a religiosidade é a causa do crime e não a consequência. Tudo o que ocorre nesse romance gira em torno da biblioteca da abadia, que detinha o maior tesouro da igreja cristã. Esse conhecimento não podia ser compartilhado e por isso aqueles que tentaram acessá-lo foram assassinados por um criminoso que defendia os valores cristãos.

Os livros proibidos foram envenenados e aqueles que os leram foram punidos com a morte, instaurando-se um contrato do tipo "se for curioso, morrerá", ou seja, se for contra os princípios da igreja não pode mais fazer parte dela. Como o veneno foi distribuído em pequenas doses, as vítimas eram envenenadas à medida que liam, ou seja, as que foram mais audaciosas e leram mais páginas, morreram mais rapidamente. Dessa forma, o criminoso não precisava presenciar a morte de suas vítimas, o que dificultou ainda mais a ação do detetive, já que não havia um local do crime (onde o criminoso estivesse presente) nem testemunhas. Para chegar à resolução do enigma, Guilherme partiu das causas da morte e, paralelamente, aos possíveis envolvidos com ela, que eram muitos. Ele desconfiou de envenenamento ao constatar que todas as vítimas tinham as pontas dos dedos pretas.

Uma das principais diferenças entre o romance de Umberto Eco e os romances policiais contemporâneos é o papel actancial desempenhado pelo detetive. Em *O nome da Rosa*, como já foi dito anteriormente, Guilherme de Baskerville tem os mesmos "dons" que Auguste Dupin e Sherlock Holmes, ou seja, é dotado de capacidades intelectuais extraordinárias sendo, portanto, o único capaz de desvendar o mistério. Já nos quatro romances policiais contemporâneos aqui abordados, os detetives são sujeitos comuns, que não

trabalham como detetives profissionais e que compõem o enredo tendo o mesmo valor que as outras personagens. Isso significa que a manipulação do detetive nesses romances policiais contemporâneos não se dá pela escolha do sujeito apto a realizar a investigação, mas sim pelo envolvimento deles com a vítima ou com as causas e consequências do crime.

Assim, os criminosos dos romances policiais contemporâneos não são punidos, uma vez que os detetives não tiveram competência para entregá-los a um destinador-julgador, responsável pela sanção negativa desses sujeitos. No romance de Umberto Eco o criminoso foi encontrado e acabou sendo punido com a morte por um incêndio. Porém, desde o momento em que o detetive foi manipulado, estava ciente de que deveria esconder a identidade do criminoso se fosse preciso, ou seja, se ele fizesse parte da abadia. Como isso ocorreu, o detetive não poderia se responsabilizar pela punição do criminoso, ficando essa relegada ao acaso.

No romance *O código Da Vinci*, por sua vez, o criminoso foi encontrado, mas não foi punido porque esse não era o propósito da investigação. Os assassinos de *Os crimes do mosaico* também foram encontrados, mas não foram castigados porque ofereceram uma recompensa ao detetive. Em *O enigma do quatro* e *O último templário* os assassinos foram punidos por acidentes, como se alguma força sobrenatural se responsabilizasse pela punição, uma vez que os detetives não seriam capazes de fazê-la.

Uma vez que *O nome da Rosa* foi escrito anteriormente aos romances policiais contemporâneos abordados neste artigo, pode-se sugerir que os autores contemporâneos inspiraram-se nessa obra para elaborar seus enredos, como se a obra de Umberto Eco fosse o mote dos romances policiais de cunho místico e religioso. A obra de Umberto Eco não só apresenta as características dos romances policiais tradicionais como também já incorpora, no século XX, o místico e o religioso na narrativa policial. A diferença entre Eco e os autores contemporâneos está não apenas na maneira como abordaram o tema místico e religioso, mas também na riqueza literária da escrita – o que não vem ao caso nesse artigo, mas vale a pena ser lembrado.

Enfim, sendo o detetive a figura central e determinante do romance policial, nota-se que houve uma mudança na configuração desse gênero mesmo quando os autores abordam a mesma temática. Além disso, o próprio fato de o romance explorar questões paralelas ao núcleo do romance policial já o torna diferente do modelo tradicional. Nem por isso essas obras contemporâneas deixam de pertencer ao gênero narrativa policial; o que elas fazem é justamente ampliar as características desse tipo de texto mostrando que é possível falar de misticismo e religiosidade mesmo em uma narrativa que deveria focar a descoberta da identidade de um criminoso.

3 Referências

- BRONW, Dan. (2004). **O código Da Vinci**. Tradução de Celina Cavalcante Falck-Cook. Rio de Janeiro: Sextante.
- CALDWELL, Ian; THOMASON, Dustin. (2005). **O enigma do quatro**. Tradução de Lea P. Zulberlicht. São Paulo: Planeta do Brasil.
- CORTINA, Arnaldo. (2006). **Leitor contemporâneo: os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2004**. Tese (Livre-docência). Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras.
- ECO, Umberto. (1983). **O nome da Rosa**. Tradução de Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FIORIN, José Luiz. (1990). Sobre a Tipologia dos Discursos. **Significação**. Revista Brasileira de Semiótica. Outubro. Nº 8 e 9.
- KHOURY, Raymond. (2006). **O último templário**. Tradução de Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações.
- LEONI, Giulio. (2006). **Os crimes do mosaico**. Tradução de Gian Bruno Grosso. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. Título original: "I delitti Del Mosaico".
- PIRES, Clélia Simeão. (2005). A tipologia do romance policial. Revista **Garrafa**, nº 5, Jan-Abr.
- POE, Edgar Allan. (2000). **Histórias de crime e mistério**. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. São Paulo: Ática.

TODOROV, Tzvetan. (1978). **Os gêneros do discurso**. Portugal: Éditions Du Seuil. Coleção Signos.

_____. **As estruturas narrativas**. (1970). 2ª Ed. São Paulo: Perspectivas.